

*A princesa e a costureira: uma ode à liberdade*

*Por Priscila Gontijo<sup>1</sup>*

Criado a partir da obra homônima de Janaína Leslão, o espetáculo *A Princesa e a Costureira*, do grupo Teatro da Conspiração, dirigido por Antonio Correa Neto, apresentou-se no domingo, dia 02 de setembro, às 11h, no Cine Santana, dentro da programação do 33<sup>o</sup> Festivale.

A trama deste singular conto de fadas, adaptado para os palcos por Solange Dias, conta a história da jovem Cíntia, que está prometida em casamento para o príncipe do reino vizinho, Febo, para que se mantivessem os laços de amizade entre os reinos, mas a princesa se apaixona pela costureira responsável por confeccionar seu vestido de noiva, Istar.

Geralmente nos contos de fada, tem-se no beijo final do príncipe a salvação da princesa que acorda do sono profundo direto para um final feliz. Nesta encenação do grupo Teatro da Conspiração há um deslocamento de ponto de vista, pois aqui, a princesa tem a opção de escolher.

Tudo começa no ateliê de costura, quando o trio, formado pelos costureiros (Erika Coracini, Márcio Pinheiro e Mariana Sancar), decide contar uma história entre costuras e canções. Ao transformarem o ateliê em reino, surge a primeira ruptura cênica: o costureiro inicia a narração (ou costura) da história atuando no papel de princesa. Aí já se instala o convite para uma mudança de perspectiva ao romper com o olhar normatizado para as questões de identidade e gênero. Essa mudança já prepara a criança para adentrar em uma narrativa que não obedece às normas e padrões sociais impostos pela sociedade.

---

<sup>1</sup> Crítica do 33<sup>o</sup> Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

---

Ao conhecer a costureira de seu vestido de noiva, a princesa se encanta imediatamente e as duas entretêm uma longa conversa cheia de afinidades entre si. O amor entre as duas meninas é sugerido através de olhares e pequenos gestos, de forma bastante delicada e habilidosa.

O livro de Janaína, que deu origem à peça, é o primeiro conto de fadas de amor entre mulheres. Transpor para o palco a questão LGBT – tema que recebe poucas obras voltadas às crianças e jovens – não é tarefa fácil. O grupo Teatro da Conspiração assume o desafio e cria um espetáculo onde as canções entoadas ao vivo pelo trio ganha uma dimensão poética. O grupo desenvolve, com muito tato e sensibilidade, uma história divertida dentro de sua narrativa aparentemente linear, mas que comporta quebras pelo uso do metadrama. O público, formado principalmente por crianças e adolescentes, parece sentir empatia pelas personagens e torcer por seu amor. No público, também vemos pais e mães que acompanham a trama do início ao fim sem desgrudar os olhos. Ao menos, foi o que conferimos na apresentação do último domingo dentro do 33<sup>o</sup> Festivale.

Atenção, contém *spoiler*. Cíntia não se casa com príncipe nenhum e nem por isso lhe é negado um final feliz: ao contrário, assumindo o amor por Isthair, após algumas diversidades, como a recusa do rei em aceitar o amor da filha por outra mulher e trancá-la na torre, as duas conseguem, ao final, se casar no mesmo dia e local que o príncipe Febo e sua irmã Selene, comemorando duplamente o encontro fortuito. Temos aqui a realização simultânea do casamento homoafetivo e o do casamento heteronormativo nos revelando que qualquer forma de amor vale a pena e uma não renega a outra.

Assunto importante e contundente para os dias atuais, a montagem dialoga diretamente com o tema desta edição, a saber, o de “inquietações

---

<sup>1</sup> Crítica do 33<sup>o</sup> Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

.....

cênicas”. Temas que abordam a diversidade humana e a representatividade LGBT são fundamentais para formar uma nova geração mais solidária e tolerante. A julgar como a mulher é normalmente representada nas narrativas de contos de fada, sempre dependendo do olhar de um príncipe que as liberte para um final feliz, aqui temos uma princesa emancipada que pretende escolher o seu objeto amoroso. Ao desafiar as tradições e interesses do reino, que dizia que moças deviam se casar com rapazes, a peça auxilia famílias e escolas na discussão da diversidade humana.

O espetáculo nos convoca ao jogo de se colocar no lugar do outro, já que os atores se revezam em todas as personagens – mudando apenas alguns detalhes do figurino (adereços de cabeça, cor do avental, etc) para o público acompanhar essa troca. O figurino de Mauro Martorelli, que também assina o cenário, revela um uniforme com partes que se sobrepõem, facilitando a troca de personagens diversos, de um modo simples e eficiente.

Com o auxílio de procedimentos do metadrama (ou metateatro) – termo que se aplica às obras dramáticas que remetem a si próprias, enquanto textos de representação – essa técnica de autorreflexão do teatro dentro do teatro, onde a fantasia dialoga com a realidade objetiva tem particular expressão dramática quando uma personagem veste a pele de outra personagem, dentro do mesmo texto de representação. Esse processo é devidamente explorado na encenação de *A princesa e a costureira* e o troca-troca de papéis se revela como recurso acertado pelo elenco para narrar a saga dos reinos. A este recurso se alia o uso da narração de histórias. A agulha mágica surge para contrapor as adversidades do mundo real com o ingrediente mágico da fantasia inerente aos contos de fada.

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.



# 33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO

---

Nesse jogo de procedimentos está a força da encenação. Trocar de personagem é também metáfora para se colocar no lugar do outro, deslocando o ponto de vista e embaralhando as questões fixas de gênero.

O espetáculo traz a reflexão sobre a diversidade sexual, combatendo as diversas formas de discriminação e violência contra as diferenças. Um teatro que provoca e redimensiona essa problemática contemporânea, sem deixar de divertir e sem abrir mão da fantasia e da ludicidade.

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.